

Versos disfarçados de prosa na literatura galega: Francisca Herrera, Carvalho Calero, Otero Pedraio

José-Martinho Montero Santalha

Da poesía dos séculos XX-XXI diz-se por vezes, algo despectivamente, que é «prosa disfarçada de verso». Com isto quer dizer-se que esses textos não possuem em si mesmos uma estrutura demarcada internamente em unidades de longitude, segundo a métrica da poesía tradicional. Aqui a fragmentação em versos foi realizada pelo autor de modo mais ou menos arbitrário por meio da distribuição tipográfica em linhas cortadas. É uma poesía pensada para ser lida (isto é, vista), mais que para ser ouvida (como era, por exemplo, a poesía trovadoresca medieval ou é a poesía popular tradicional).

Efectivamente, se colocarmos em linhas seguidas alguns desses poemas suprimindo-lhes a divisão em versos, não será fácil descobrir no texto resultante uma composição versificada. Porém, seria simplista e injusto desqualificar tais textos como poemas por esse mero facto, pois a constituição da linguagem poética é fenómeno mais complexo do que isso, e normalmente a prosa poética possui um espírito diferente.

Mas também por vezes se dá o fenómeno contrário: que alguns autores escrevem verso em forma de prosa, com certa intenção estilística normalmente. Aduzirei a seguir três exemplos na literatura galega: de Francisca Herrera, Carvalho Calero e Otero Pedraio.

Francisca Herrera Garrido, *Néveda*

A novela intitulada *Néveda*, aparecida na Corunha em 1920, da escritora corunhesa Francisca Herrera Garrido (1869-1950), vem precedida de uma introdução em que a autora se dirige ao leitor explicando-lhe as suas intenções ao elaborar essa história. Tal introdução apareceu publicada em forma de prosa, por razões que ignoro, mas uma leitura atenta delata que esse texto é um poema formado por uma combinação de versos hexassílabos e decassílabos.

Eis como se publicou o texto (que tomo substancialmente da reedição publicada por Edicións Xerais; mas rectificando alguns leves erros)¹:

Querendo un gran poema cantar, dúbidas teño; que, se falo galego, non me entenden, e a cantar castillán non me comprendo. Así mesmo pregúntome se en prosa hei de escribir ou ben en verso; e ríome soíña deste meu dubidar; que é un aletexo igual ó dun poliño que se bate, coidándose atrapado no poleiro por un espanta-páxaros de trapo movido polos ímpetus do vento. Ninguén ha de lee-lo meu escrito nin naide ha de follar meu pensamento... Abonda con deixar corre-la pruma; abasta com cumpri-lo meu desexo. ¡Lectores... quen os vira, malpocado!; couberan nun puñiño ben pequecho!... Deixade, pois, que escriba como canto: deixádeme que fale cos galegos, que son irmáns da alma os que me escoitan, e no' han de asolagar nos meus defectos. E aqueles que no' entenden meus falacios, e se sintan no propio lar alleos, lembren que nasceron en Galiza; que eiquí atallecerán fillos e netos; que dormen nesta terra, alumiñadas, as cinzas brancuxadas dos seus deudos.

Perdón prás miñas faltas; que este meu libro as ten, non volo nego; mais o pouco que dou, douvos do voso, e merezo perdón: dou do que teño. Se non me descubrides, direivos caladiño o meu segredo: tópome pequechiña... no acto de dar cume ó meu intento, non teñen miñas alas poderío, o meu espírito non ten lucencios pra ergue-la nosa fala cal quixera, astra a pousar do Ceo nos lindeiros. Quixera medras dar ó meu miolo e ter pró galicián, de amor famento –ofrenda dunha nai de grande porte– tallizos a fartar de pan albeiro. Meu corazón é rico, pro non lle pasa ó inxenio mais co tercio; e ambos, podo xuravos que son da nosa fala vinculeiros. Ide, pois, caladiños co anaco de mistura farturento que vos brinda a miña alma, nas alas do mais santo amor terreo; que aquel a quen limosnan os veciños topa na códea propia un gran contento. ¡Érguete, pois, do cisco, miña testa, e crísmate coa cruz do bo galego!

¹ Francisca Herrero Garrido, *Néveda: historia dunha dobre sedución*; Edición preparada por M^a Camino Noya, Edicións Xerais de Galicia, Vigo 1981, 198 pp.; a «Introdución», nas pp. 33-34.

Assim apareceu publicada essa introdução, destinada a apresentar ao leitor um romance (redigido em prosa). A estrutura autêntica do nosso texto é, porém, como resultará óbvio, a de um texto versificado, um romance com rima paroxítona em *e*-o** nos versos pares, assim:

2 Querendo un gran poema
 cantar, dúbidas teño;
que, se falo galego, non me entenden,
4 e a cantar castillán non me comprendo.
 Así mesmo pregúntome
6 se en prosa hei de escribir ou ben en verso;
 e ríome soíña
8 deste meu dubidar; que é un aletexo
 igual ó dun poliño que se bate,
10 coidándose atrapado no poleiro
 por un espanta-páxaros de trapo
12 movido polos ímpetus do vento.
Ninguén ha de lee-lo meu escrito
14 nin naide ha de follar meu pensamento...
Abonda con deixar corre-la pruma;
16 abasta com cumpri-lo meu desexo.
¡Lectores... quen os vira, malpocado!;
18 couberan nun puñiño ben pequecho!...
Deixade, pois, que escriba como canto:
20 deixádeme que fale cos galegos,
que son irmáns da alma os que me escoitan,
22 e no' han de asolagar nos meus defectos.
E aqueles que no' entenden meus falacios,
24 e se sintan no propio lar alleos,
relembren que nasceron en Galiza;
26 que eiquí atallecerán fillos e netos;
que dormen nesta terra, aloumiñadas,
28 as cinzas brancuxadas dos seus deudos.
Perdón prás miñas faltas;
30 que este meu libro as ten, non volo nego;
mais o pouco que dou, douvos do voso,
32 e merezo perdón: dou do que teño.
Se non me descubrides,
34 direivos caladiño o meu segredo:
tópome pequechiña...
36 no acto de dar cume ó meu intento,
non teñen miñas alas poderío,
38 o meu espírito non ten lucencios
pra ergue-la nosa fala cal quixera,
40 astra a pousar do Ceo nos lindeiros.
Quixera medras dar ó meu miolo
42 e ter pró galicián, de amor famento
–ofrenda dunha nai de grande porte–
44 tallizos a fartar de pan albeiro.
Meu corazón é rico,
46 pro non lle pasa ó inxenio mais co tercio;
e ambos, podó xurarvos
48 que son da nosa fala vinculeiros.
Ide, pois, caladiños
50 co anaco de mistura faturento
que vos brinda a miña alma,
52 nas alas do mais santo amor terreo;
que aquel a quen limosnan os veciños
54 topa na códea propia un gran contento.
¡Érguete, pois, do cisco, miña testa,
56 e crísmate coa cruz do bo galego!

Até então Francisca Herrera escrevera os seus livros de contos sempre em verso. E, como se pode ver, também neste caso declara ter sentido a dúvida se escrever esta história em prosa ou em verso: “pregúntome se en prosa hei de escribir ou ben en verso”

Ricardo Carvalho Calero, *A farsa das çocas*

Um segundo texto que aparece, intencionalmente, publicado em forma de prosa, mas que realmente está em verso, é o final da conhecida peça teatral *A farsa das çocas*, de Ricardo Carvalho Calero. Eis o texto (neste caso, normativizado para a norma portuguesa, tal como provavelmente Carvalho desejaria que fosse transmitido para a posteridade):

Cozinha na casa de Edelmira. Jocas, Divina e Breixo.

JOCAS.— Bem apreendidos ficais: olhai que não o esqueçais! Sete anos de andar polo mundo!: pobre esp’ritinho vagabundo! Dá-te, Breixo, por bem contento, que não desfaço o testamento. Doada penitência haveis: do seu manjades e bebeis. Chega-se a hora de ceiar: primeira noite pra a chamar. A minha casa por mim chama: o meu jantar e a minha cama.

(Vai-se polo foro).

DIVINA.— Valha-te Juncras: arde o eixo! Faremos o que dixo, Breixo?

BREIXO.— E não vamos fazer, Divina? Quiçá à espreita está na esquina. Serve as cuncas, que serão três. És tu cristã ou não o és?

DIVINA.— Por mim nom fique: entre no céu. Mas de vê-la tenho receo.

BREIXO.— Não digo eu que sem medo esteja; mas pouco é o que ela deseja.

DIVINA.— A cunca tua, a cunca minha, a cunca da nossa irmãzinha.

BREIXO.— Cumpre chamá-la.

DIVINA.— Fai-no ti.

BREIXO.— Trava-se-me a língua.

DIVINA.— Não sim? Olha que se o tempo se passa, grande mal virá sobre a casa.

BREIXO.— Do meu nome ajude-me o santo. Bato-me no peito cum canto.

DIVINA.— Enceta já; de léria avonda.

BREIXO.— Medo tenho de que responda. Minha mulher, minha coroa, alma de tão singel pessoa, que anda polo mundo a penar, sem que possa no céu entrar por mor do mel que nós furtamos e das çocas que então levamos! Sete anos te havemos chamar que connosco venhas jantar! Pedimos-che perdão cumprido e que não faças muito ruído, pois somos fracos pecadores e abafam-nos os suores! A tua cunca cheia está. A minha obriga cumpri já. Edelmira, já te chamei; não dirás que não som de lei.

(Ficam num silêncio anelante. Ouve-se fora trecolear de çocas e abre-se a porta de sócato. Entram as çocas de Edelmira).

DIVINA.— Valha-me Deus!: são as suas çocas!

BREIXO.— Caio de joelhos!

DIVINA.— Eu de nocas!

(As çocas achegam-se a carão da cunca de Edelmira. Logo dão de pontapés aos irmãos, que fogem a gatas, trompicando e se laiando).

BREIXO.— Ai que me mancam! Dó nom tem!

DIVINA.— Çoquinhas, çocas: quero-as bem!

BREIXO.— Minhas ilhargas!, o meu lombo!

DIVINA.— Não tem lazer, tomo após tomo!

BREIXO.— Ai do meu corpo, ai dos meus ris!

DIVINA.— Ai, que me esmagam os cadris!

BREIXO.— Ai que me esnafram! Minhas nocas!

O APONTADOR *(sai da sua concha e diz)*:— Remata aqui a farsa das çocas.

Será um exercício fácil, e até pode ser também divertido, descobrir que a conformação poética deste diálogo se distribuirmos o texto separando os versos é a seguinte:

JOCAS:

Bem apreendidos ficais:
olhai que não o esqueçais.

Sete anos de andar polo mundo!
pobre esp'ritinho vagabundo!

Dá-te, Breixo, por bem contento,
que não desfaço o testamento.

Doada penitência haveis:
do seu manjades e bebeis.

Chega-se a hora de cear:
primeira noite pra a chamar.

A minha casa por mim chama:
o meu jantar e a minha cama.

(*Vai-se polo foro*).

DIVINA:

Valha-te Juncras: arde o eixo!
Faremos o que dixó, Breixo?

BREIXO:

E não vamos fazer, Divina?
Quiçá à espreita está na esquina.

Serve as cuncas, que serão três.
És tu cristã ou não o és?

DIVINA:

Por mim não fique: entre no *céo*.
Mas de vê-la tenho *receo*.

BREIXO:

Não digo eu que sem medo esteja;
mas pouco é o que ela deseja.

DIVINA:

A cunca tua, a cunca minha,
a cunca da nossa irmãzinha.

BREIXO:

Cumpre chamá-la.

DIVINA:

Fai-no ti.

BREIXO:

Trava-se-me a língua.

DIVINA:

Não sim?

Olha que se o tempo se passa,
grande mal virá sobre a casa.

BREIXO:

Do meu nome ajude-me o santo.
Bato-me no peito cum canto.

DIVINA:

Enceta já; de léria avonda.

BREIXO:

Medo tenho de que responda.

Minha mulher, minha coroa,
alma de tão singel pessoa,

que anda polo mundo a penar,
sem que possa no céu entrar
por mor do mel que nós furtamos

e das çocas que então levamos!

Sete anos te havemos chamar
que connosco venhas jantar!

Pedimos-te perdão cumprido
e que não faças muito ruído,

pois somos fracos pecadores
e abafam-nos os suores!

A tua cunca cheia está.
A minha obriga cumpri já.

Edelmira, já te chamei;
não dirás que não som de lei.

(Ficam num silêncio arelante. Ouve-se fora trecolear de çocas e abre-se a porta de sócato. Entram as çocas de Edelmira).

DIVINA:
Valha-me Deus!: são as suas çocas!

BREIXO:
Caio de joelhos!

DIVINA:
Eu de nocas!

(As çocas achegam-se a carão da cunca de Edelmira. Logo dão de pontapés aos irmãos, que fogem a gatas, trompicando e se laiando).

BREIXO:
Ai que me mancam! Dó nom tem!

DIVINA:
Çoquinhas, çocas: quero-as bem!

BREIXO:
Minhas ilhargas!, o meu lombo!

DIVINA:
Não tem lazer, tombo após tombo!

BREIXO:
Ai do meu corpo, ai dos meus ris!

DIVINA:
Ai, que me esmagam os cadris!

BREIXO:
Ai que me esnafram! Minhas nocas!

O APONTADOR *(sai da sua concha e diz)*:

Remata aqui a farsa das çocas.

Ramom Otero Pedraio, *A lagarada: farsada trágica para ler*

Também aparecem textos de carácter poético, mas transcritos em forma de prosa, na obra teatral *A lagarada: farsada trágica para ler*, de Ramom Otero Pedraio (que podem servir igualmente de exercício didáctico de descobrimento da estrutura poética)².

² CARVALHO CALERO, Ricardo (ed.): *Teatro Nós: Vicente Risco: «O bufón del Rei»; Otero Pedraio: «A Lagarada»; Castela: «Os vellos non deben de namorarse»; edición ao coidado de Ricardo Carballo Calero*, Editorial Follas Novas, Santiago de Compostela 1979, 216 pp. (Colecção «Clásicos do estudante galego», núm. 1), pp. 108-110, 126-127.

A pipa arcada de carvalho: Estou farta de abrir a minha boca, minha boca sem dentes. Já nem me enchem nem me deixam, como outros anos, baleira. Agora tenham-me de água pra os culeiros derradeiros. Eu, que som a tradiçom, a velhinha centenária, feita co pau das carvalhas da carvalheira dos frades, lavrada por carpinteiros que apodrecerom hai séculos. Agora vou caducada. Só a alquitara esquecida, que ali está no seu rincom, sabe algo da minha vida. Os vinhos que hoje se criam na paça oca do castanho, som frouxos, moles e tristes como hoje o viver da aldeia. Todos os demos do vinho, os demos quentes e roxos, deverom voltar ao inferno, à lagarada do fogo.

A alquitara: Som um chisme doutro tempo, astrológico, nojento, fantasmal. Como o velho Ciprianilho, vinhem no tempo do milho pra este chão. Sei segredos de licores, sei de ciência, sei de amores, que sei eu! Mas no tempo que corremos sólo faço medo aos nenos. Vou morrer! Quiçá o meu cobre puro valha à libra mais dum duro, ai de mim! Esse moço de alambique, falangueiro e atolado, fai essa pode aguardente que lhe gosta à parva gente que no val' bebe o vinho de Alicante nom na velha cunca amante: no cristal.

A sombra do arrieiro: Nesta bodega um homem matei; ser, era malo e de pouca lei. Foi culpa do vinho, que minha nom foi. Levei no presídio a vida dum boi. Sentença de Deus, pola lagarada, que venha a este sítio antes da luzada. Só me reconhece esta pipa velha de arcos de carvalha, de vinho baleira.

A fada da cova da serpe: Já hai colheita pra o nosso senhor. Houvo sangue no roxo solpor.

A fada do coto de Serán: Eu apeguei-me a ela como à pedra da muralha se apegua a hedra, fui-lhe estilando na alma a poçonha, fui-lhe mantando a tristeira vergonha, dei-lhe a paixom da vingança.

A fada da carpaceira: Mas inda lhe resta a esp'rança. Do Delmiro quer fazer um homem bom pra a sua mulher. Hai que apartá-los, botá-los no trolho. Voltos seus ossos um fedento molho, guizos pra o lume do inferno divino, sangue coalhado, olhar de assassino.

Não é difícil descobrir a oculta estruturação destes textos em verso, embora seja mais patente nuns casos que noutros.

A pipa arcada de carvalho:

Estou farta de abrir a minha boca,
minha boca sem dentes.
Já nem me enchem nem me deixam,
como outros anos, baleira.
Agora tenham-me de água
pra os culeiros derradeiros.
Eu, que som a tradiçom,
a velhinha centenária,
feita co pau das carvalhas
da carvalheira dos frades,
lavrada por carpinteiros
que apodrecerom hai séculos.
Agora vou caducada.
Só a alquitara esquecida,
que ali está no seu rincom,
sabe algo da minha vida.
Os vinhos que hoje se criam
na paça oca do castanho,
som frouxos, moles e tristes
como hoje o viver da aldeia.
Todos os demos do vinho,
os demos quentes e roxos,
deverom voltar ao inferno,
à lagarada do fogo.

A alquitara:

Som um chisme doutro tempo,
astrológico, nojento,
fantasmal.
Como o velho Ciprianilho,
vinhem no tempo do milho
pra este chão.

Sei segredos de licores,
sei de ciência, sei de amores,

que sei eu!
Mas no tempo que corremos
sólo faço medo aos nenos.
Vou morrer!

Quiçá o meu cobre puro
valha à libra mais dum duro,
ai de mim!
Esse moço de alambique,
falangeiro e atolado,

fai essa podre aguardente
que lhe gosta à parva gente
que no val'
bebe o vinho de Alicante
nom na velha cunca amante:
no cristal.

A sombra do arrieiro:

Nesta bodega um homem matei;
ser, era malo e de pouca lei.

Foi culpa do vinho, que minha nom foi.
Levei no presídio a vida dum boi.

Sentença de Deus, pola lagarada,
que venha a este sítio antes da luzada.

Só me reconhece esta pipa velha
de arcos de carvalha, de vinho baleira.

A fada da cova da serpe:

Já hai colheita pra o nosso senhor.
Houvo sangue no roxo solpor.

A fada do coto de Serán:

Eu apeguei-me a ela como à pedra
da muralha se apegue a hedra,

fui-lhe estilando na alma a poçonha,
fui-lhe mantando a tristeira vergonha,

dei-lhe a paixom da vingança.

A fada da carpaccira:

Mas inda lhe resta a esp'rança.
Do Delmiro quer fazer
um homem bom pra a sua mulher.

Hai que apartá-los, botá-los no trolho.
Voltos seus ossos um fedento molho,

guizos pra o lume do inferno divino,
sangue coalhado, olhar de assassino.